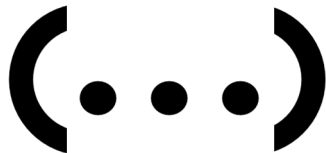


A HISTÓRIA DOS TRÊS PONTINHOS

Esta é a história dos três pontinhos



Quando pequenos, os pontinhos moravam com seus pais.



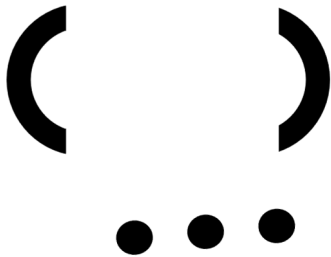
Os pais dos três pontinhos não imaginavam viver sem os meninos. Já os pontinhos se sentiam cercados, apertados, até mesmo oprimidos por essa proteção familiar.



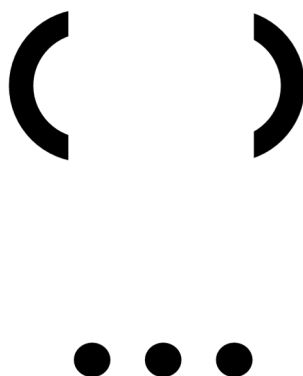
Queriam independência, percorrer parágrafos inteiros, conhecer novas letras, ver palavras nunca vistas. Enfim, sentiam necessidade de ter suas próprias experiências. Decidiram deixar os parênteses e seguir.



No início viveram tranquilos, tudo era menos controlado, tudo era festa, havia o que muitos chamam de liberdade: os pontinhos tentando encontrar seus caminhos e os parênteses por perto, ajudando, ajudando, ajudando...



Porém, as dificuldades vieram e com elas as necessidades. Os pontinhos precisavam descobrir uma maneira de garantir o sustento deles, pois já não podiam contar com seus pais para tudo.



Depois de muito pensarem e de passarem por alguns apertos, notaram que poderiam trabalhar juntos. Começaram com alguns bicos e logo estava aberta a Três Pontinhos Ltda., uma microempresa do setor de pontuação de frases vagas.

Blá, blá, blá...

Blá, blá, blá...
Blá, blá, blá...
Blá, blá, blá...
Blá, blá, blá...

Foram levando as coisas, mantinham-se sem maiores problemas. Nada sobrava, mas também não faltava. Agora eles eram três pontinhos felizes, adultos e estáveis.



No trabalho, conheceram novas letras, novas frases, termos e até expressões idiomáticas. Fizeram amigos, divertiram-se, brigaram e riram. Mas, no fundo, no fundo, achavam aquela vida ainda meio reticente...

g
Oi, **F...**
ll

De repente, tudo que um dia fora um grande desejo acabou virando uma necessidade. Agora não havia mais nada novo. Os três pontinhos estavam desapontados, cada um de uma maneira diferente.



Por essa época, um dos pontinhos se afastou um pouco dos irmãos. Estava estranho, meio aéreo... Deixou o cabelo crescer e começou a andar com uns amigos bem esquisitos.



De uma hora para outra, largou a Três Pontinhos Ltda., juntou-se a um bando desses amigos esquisitos e foi morar numa comunidade alternativa chamada Asteriscos Livres.

Os outros dois pontinhos não entenderam nada, mas o fato era que o irmão, agora, já não era mais um ponto. Era um asterisco, um tipo de ponto diferente, que vive meio fora do contexto.



E exatamente assim estava o ex-ponto. Do lado de fora, sempre querendo chamar atenção para algo ou explicar alguma coisa, ou melhor, o que havia por trás de alguma coisa.

Blá, blá, blá, blá blá blá,

Bláá!*

Blá, blá, blá. Bláblá blá blá.

Blá, blá, blá *

Bláblá blá blá, blá, blá.

O problema maior era que, por mais importantes que fossem, as explicações dadas pelos asteriscos nunca conseguiram um espaço digno. No máximo, um pezinho de página.

Blá, blá, blá, blá blá blá,

Bláá! Blá, blá, blá. Bláblá

blá blá. Blá, blá, blá*

* Juliburque batorak abalúdino érveno e etnocleid. Rwalalady.

Os outros dois pontinhos demoraram para se acostumar com a falta que sentiam do irmão, mas o que fazer? E agora estavam em uma situação difícil: eram apenas dois pontos e não podiam continuar pontuando frases vagas.



Nessa ocasião, receberam uma proposta da Trema.com, uma cooperativa virtual do setor de acentuação. Depois do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, trabalhariam no exterior, com novos idiomas, ganhariam muito bem, mas as condições de trabalho não eram nada tranquilas.



Deram, então, uma guinada fundamental em suas vidas.



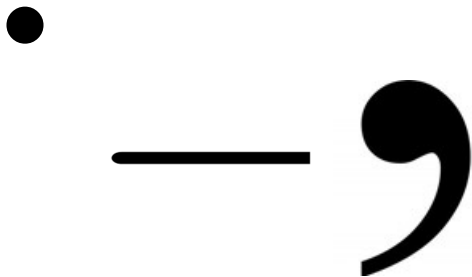
A Três Pontinhos Ltda. foi fechada. Afinal, os dois pontos assumiram uma nova posição, abriram sociedade com um travessão, na tentativa de ganhar espaço no mercado de diálogos e outras considerações.



Mas as coisas não andavam muito bem, o trabalho estava difícil, o travessão era meio preguiçoso, vivia deitado... E pior, a relação entre os dois pontos estava abalada pelas novas condições de trabalho: um deles sempre se sentia por baixo.



Na verdade, desde o afastamento do irmão asterisco, um dos pontinhos começou a pensar a respeito de sua vida. Estava infeliz, era um ponto reprimido, preso, travado, queria mostrar alguma coisa, mas não podia. Que tensão! Será que ele era mesmo um ponto?



E quando este ponto reprimido se soltou, foi uma lou-cu-ra! Que ponto que nada, ele era uma vírgula, ora! E a partir deste momento fazia questão de assumir-se e ser respeitado como tal.

O travessão, chocado, desfez a sociedade imediatamente. O outro ponto não aceitava a novidade de jeito nenhum, e ficava lá, em cima do irmão, cobrando que este voltasse a ser um ponto.



Os irmãos ponto e vírgula formavam uma dupla meio indefinida. Passaram ainda algum tempo juntos, mas eles mesmos não se entendiam bem. Trabalho? Ninguém sabia como empregá-los. Acabaram afastando-se de vez.



O ex-ponto, então, sentia-se completamente livre, completamente vírgula! Arrebitou-se, vestiu uma roupa nova e saiu feliz saltitando por aí. Que bom era poder viver sua própria verdade e liberdade!

Blá,

blá,

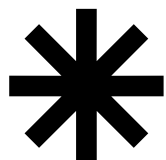
blá,

O último ponto, agora, estava lá, absolutamente sozinho. E tinha de sobreviver assim, não poderia perder tempo, não contava com ninguém. Era apenas um ponto, um ponto e só.



Foi contratado por uma grande fábrica chamada Certezas & Afirmações S.A., e entregou-se completamente ao trabalho, não queria saber de outra coisa. Nos irmãos? Nem pensava, e tampouco visitava os parênteses.

()



Sua vida se resumia a duas coisas: ele mesmo e o trabalho dele. Acabou se transformando num ponto muito seco, muito duro, um ponto muito chato, um ponto final.



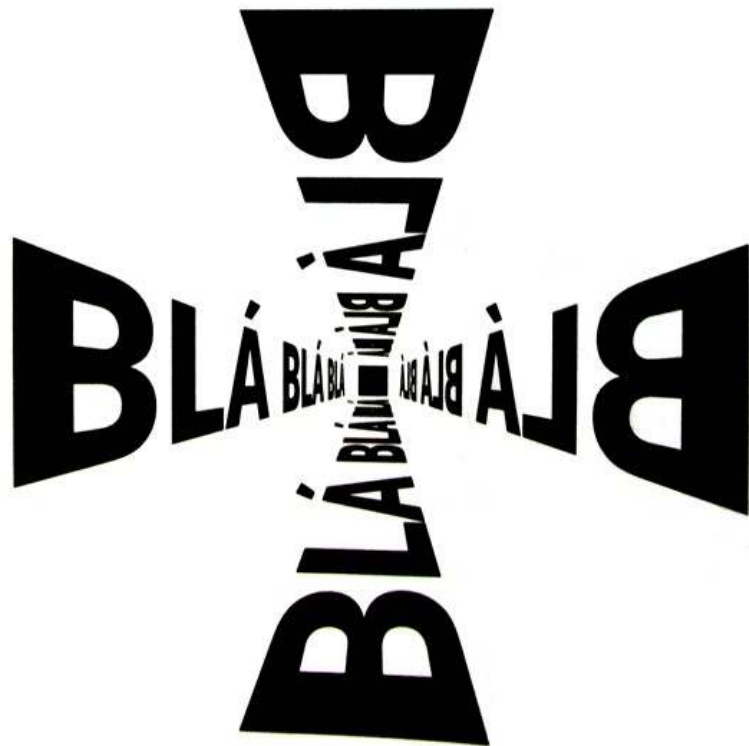
Seu trabalho na fábrica era concluir o processo de construção de certezas e afirmações: fechar, tachar, acabar. E o ponto seguia, fazendo todo dia o mesmo.

BLÁ, BLÁ, BLÁ■

BLÁ, BLÁ, BLÁ■

BLÁ, BLÁ, BLÁ■

Embora solitário, ficou famoso, rico. Seus serviços eram imprescindíveis e requisitados com muita frequência. A fama lhe subiu à cabeça e fez dele um ponto muito metido a besta. Trabalhava sozinho, não dependia de ninguém, cada vez mais se isolava em sua vida de conclusões.



Achava-se o mais importante dos pontos, trabalhara na construção de certezas absolutas, máximas indubitáveis, sem ele as afirmações não existiriam. O ponto se achava o máximo.



Cortou definitivamente relações com os irmãos. Dizia que um era maluco e vivia a fazer comentários inúteis, e que o outro era uma vírgula, não merecia respeito, só servia para deixar as frases gagás.

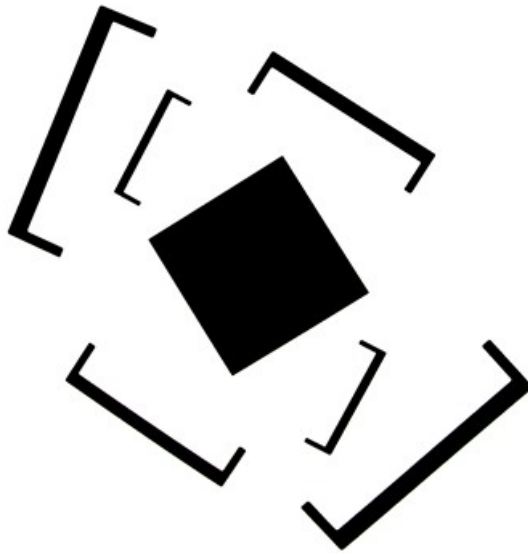
Os parênteses acompanhavam tudo de longe, preocupados...

Mas o tempo passou e aquela história de ser famoso e rico já não impressionava mais o ponto. Elogios? Nem ligava.

Sabia que todos precisavam dele, todos o respeitavam, alguns até o temiam...

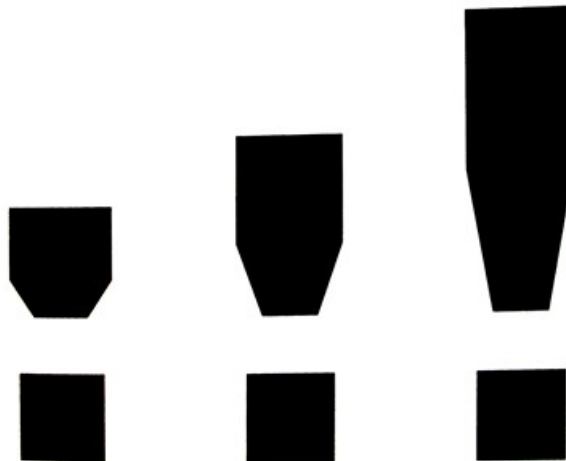
E daquilo tudo, quase nada adiantava.

O mesmo ponto, que passou tanto tempo a fabricar certezas, começava a achar que algo andava errado. Sabia que faltava alguma coisa, mas não sabia bem o quê! Que agonia o ponto sentia!



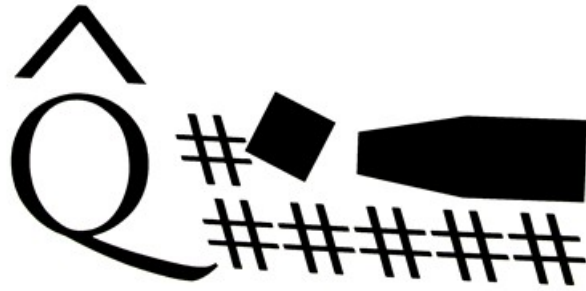
E ele ficou agoniado, angustiado e tenso.

Como se um enorme peso crescesse sobre sua cabeça. E esse peso foi crescendo, pesando, crescendo...



Acabou obrigado a pedir uma licença no trabalho, resolveu fazer análise. Uma letra amiga indicou-lhe um pontoterapeuta muito respeitado, o famoso Dr.Q. Lá foi o ponto se tratar.

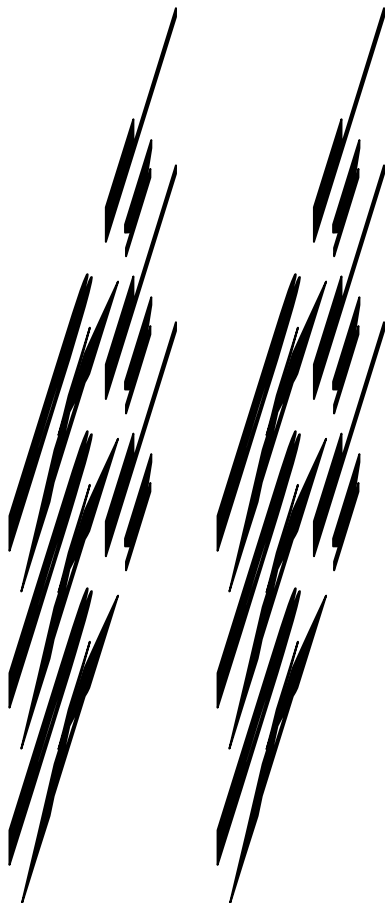
Percebeu então, que há algum tempo tentava ser alguma coisa que não era. Não que também fosse vírgula, ou um asterisco, mas definitivamente já não era um ponto final. Afinal, no que tinha se transformado o ponto?



O tratamento seguiu, o ponto admitiu que todo aquele peso que vinha sentindo era culpa, e que essa angústia fazia parte de uma nova etapa. No entanto, respirou aliviado, alegre, até eufórico, ao descobrir-se um ponto de exclamação.



Voltou da licença e explicou a situação aos diretores da Certezas & Afirmações S.A. Esperava poder trabalhar pontuando alegrias ou entusiasmos, mas acabou sendo transferido para o setor de bate-bocas, única atividade da empresa na qual era necessária a presença de pontos de exclamação.



BLÁ! BLÁ! BLÁ!

**BLÁ! BLÁ!
BLÁ!**

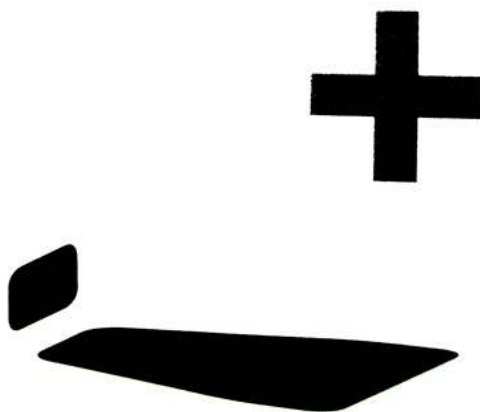
Ganhava menos, trabalhava mais e o serviço, além de barulhento, era muito desgastante. Pediu demissão, aquilo não era vida. Perplexo e desiludido, o ponto abandonou a terapia e saiu por aí, desnordeado e zonzinho.

Vagava pela noite, sem rumo ou objetivos, pontuando frases sem sentido, palavras soltas, soluços... Chegou mesmo a se envolver com palavrões e termos chulos, para se divertir procurava gírias de baixo nível. Enfim, tornou-se figurinha fácil nos antros e nas madrugadas vocabulares.

**Lp*#\$%Q! álálb!
Aáwerj#\$d@#!! f@g%#!**

Novamente só, o ponto não sabia o que estava fazendo e, pior, não sabia o que fazer. Mas esta vida desregrada custou ao ponto, que acabou falido e esquecido. Deitado pelos cantos, vivia dias de desgraça e desespero. Lá estava o ex-ponto: sem forma e sem valor.

Não aguentou. Teve um troço e foi parar no ponto-socorro. Enquanto se recuperava, o ponto pensava...



A desilusão já era maior que o próprio desespero, certezas já não existiam e os tempos de farra só o fizeram mais pobre e sozinho. A que ponto sua vida havia chegado? O ponto duvidava de si e não acreditava em mais nada. Triste? Engraçado, não estava. Apenas muito, muito, muito confuso.

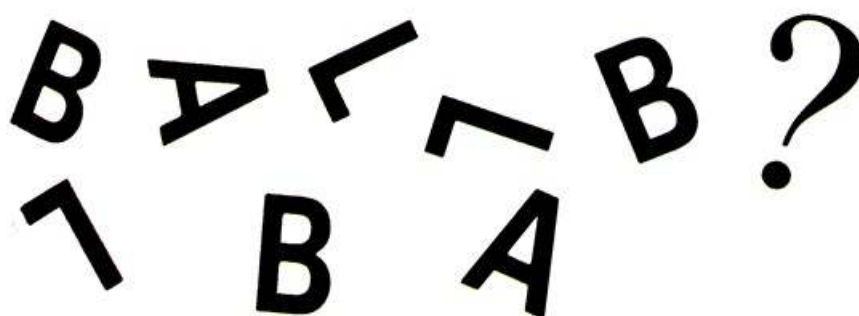
Mas sabia que precisava seguir. E seguiu. O ponto final metido a besta e rico, o ponto de exclamação desiludido e pobre, o ponto sem valor algum, agora era um velho ponto no tempo.

A idade havia conseguido dobrar aquele ex-ponto durão, a confusão tomou outra forma. E logo agora, quando o próprio ponto não acreditava mais em certeza alguma, transformara-se na representação da única certeza possível.

Viu-se então um ponto vivido, maduro, um ponto diferente: um ponto de interrogação. Passava por uma fase curiosa e entusiasmada: ao invés de construir certezas, como fazia quando mais novo, o ponto agora as desmontava. Estava feliz, enfim.



BLÁ BLÁ BLÁ.



Recebeu uma proposta de trabalho irrecusável. Contratado pela Dúvidas S.A., coordenava não só as atividades no campo da desmontagem de certezas, como também a construção de enigmas à prova de tempo. E era um trabalhão!

? ? ?

Foi quando decidiu visitar seus pais, sentiu saudades: queria carinho (parênteses são para essas coisas). E foi recebido de braços abertos.

(?)

Lembrou também de seu início reticente, ao lado dos dois irmãos. Soube que o asterisco trabalhava em uma O.N.P. (Organização Não Pontuamental), onde lutava pelos direitos do hipertexto. Foi até lá, desculpou-se e ficou tudo bem. Bateram até um papo-cabeça depois...

* ?

A vírgula vivia pontuando textos de arte, narrativas, teses... Estava bem de vida, alegre como sempre. Fez as pazes com o irmão com uma naturalidade que só as vírgulas possuem.

Por fim, ao lado dos irmãos e junto de seus parênteses, o ponto estava sossegado. Entendeu que para se viver feliz é fundamental não prender sinais nem forçar a reticência.

(* ? ,)

Mesmo quando uma história termina há sempre algo por descobrir.

E se formos olhar bem, tudo de longe parece um ponto, e cada ponto deve ter sua função.

Qual será a sua?

